



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Informativo sobre a Estiagem no Nordeste - nº 40 30/07/2013

1. Efeito da estiagem na apicultura nordestina

O Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE/BNB – elaborou estudo sobre os efeitos da estiagem de 2012 na apicultura nordestina, atividade muito promissora e em plena expansão devido às condições naturais da região.

Segundo o estudo, o Nordeste brasileiro possui características de clima e flora que lhe conferem elevada competitividade nos mercados interno e externo. A preferência do mercado pelo mel nordestino se justifica pelo fato de que o produto tem baixa contaminação por pesticidas, já que é proveniente de florada de vegetação nativa, o que faz com que a criação de abelhas seja uma das atividades que mais tem crescido nos últimos anos. Além de apresentar baixo investimento de implantação, custo de manejo e rápido retorno financeiro.

A apicultura nordestina é uma atividade de caráter eminentemente familiar; atualmente, existem cerca de 46 mil apicultores em toda a Região e a maioria possui até 200 colmeias. Outro aspecto importante é que a apicultura é uma atividade não danosa à cobertura vegetal.

Entre 1999 e 2009, a produção de mel no nordeste passou de 2.795 t para 14.963 t, um crescimento de 435%, e vem se apresentando como boa oportunidade de mercado para as atividades produtivas no meio rural, inclusive para exportação, em vista da qualidade do produto. Veja Tabela I abaixo:

Tabela I - Evolução das Exportações Brasileiras de Mel (toneladas)

ANO / Regiões	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Nordeste	4.884,90	5.253,20	4.055,00	5.600,10	10.203,50	7.360,80	9.674,30	4.629,30
Sudeste	6.374,40	4.964,20	4.719,60	5.956,20	7.229,20	5.738,80	6.264,40	5.572,50
Sul	3.185,10	4.384,30	4.131,20	6.675,00	8.496,20	5.393,10	6.094,70	6.430,60
Demais regiões	3,5	0,2	1,5	40	58,3	139,4	365,1	75,1
BRASIL	4.448,00	14.601,90	12.907,30	18.271,30	25.987,20	18.632,10	22.398,60	16.707,40

Fonte: ETENE/BNB

Porém, em 2012 no Nordeste, houve baixa precipitação pluviométrica, com chuvas irregulares e o clima chegou a ser extremamente seco. Com esse quadro, a florada foi insuficiente e provocou elevada queda de produção em várias áreas produtoras de mel, resultando na queda nas exportações brasileiras, principalmente nordestina, como se observa na Tabela I.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Em 2012, o país exportou 16,7 mil toneladas, 25% a menos que no ano anterior. As exportações da região nordestina caíram 52% no mesmo ano. A perda monetária da queda nas exportações, no país, chegou a ser de aproximadamente U\$16.180 mil em 2012, quando comparado com os valores aferidos em 2011.

Dados levantados junto às associações de produtores de mel do Nordeste demonstram que o número de colmeias vazias chegou a 75% do total existente na Região. A elevada perda de enxames por abandono da colmeia ocorreu devido à alta temperatura, aliada à falta de pasto adequado para o manejo alimentar. As perspectivas para as próximas safras não são boas, pois em 2013 as previsões de chuvas abaixo da média estão se confirmando. Em 2014, mesmo que ocorra boa precipitação, a produção de mel será baixa, já que as colmeias recém-povoadas possuem uma produtividade muito inferior às colmeias povoadas em anos anteriores. Isso ocorre porque o período de chuvas no Nordeste é curto. Quando ocorrem as floradas os novos enxames primeiro produzem a cera e fortalecem as famílias e somente depois, no final do período chuvoso, é que começam a produzir mel e, para uma boa produção, é necessário que os enxames sejam populosos.

2. Ações do governo para adaptar a convivência nordestina com a estiagem

2.1 - Alternativas para o Semiárido nordestino

Questionado pelo Jornal Correio da Bahia, sobre as alternativas para o Semiárido, o presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) afirmou que o Semiárido pode produzir e viver com mais qualidade. Prosseguiu dizendo que as atividades produtivas tradicionais de reconhecida importância econômica e social, como são os casos da pecuária de leite, apicultura, fruticultura, dentre outras, revelam novas oportunidades no meio rural.

A experiência da Embrapa mostra ser possível, em rebanhos comuns, mestiços, aumentar a produção de carne caprina ou ovina comercializável por unidade de área em mais de 100% ao ano, reduzindo a idade média de abate dos atuais 12-15 meses para 6 meses, simplesmente com a adoção de técnicas simplificadas de alimentação e manejo, sem maiores alterações no ambiente natural.

A Embrapa Semiárido vem promovendo pesquisas para o desenvolvimento de uma fruticultura de sequeiro, centrada em espécies nativas da Caatinga, como o umbu e o maracujá do mato, abordando tanto a parte agrônômica como a transformação em doces, sucos e geleias e utilizando pequenas unidades fabris em comunidades e associações rurais.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Há bons exemplos em regiões similares pelo mundo que mostram ser possível o desenvolvimento agrícola de um clima tão peculiar – como Mendoza, na Argentina, que tem metade do índice pluviométrico da Bahia, e é hoje um dos principais pólos de frutas e uvas e vinho. No Nordeste várias regiões encontrariam abrigo utilizando-se a tecnologia adequada. Tem-se o exemplo da agricultura irrigada do polo Juazeiro-BA - Petrolina-PE. Este pólo é um modelo da capacidade competitiva da região na produção de frutas tropicais e de uva.

Desde a década de 80, o desempenho da vitivinicultura apresenta-se com grande capacidade de expansão e de inserção nas redes nacional e internacional de suprimento agroalimentar, sendo uma grande oportunidade para o desenvolvimento regional. Outro exemplo é a recente introdução da vitivinicultura para vinho na região de Morro do Chapéu (BA), para as condições de altitude da Chapada Diamantina.

2.2 - Pesquisa da Embrapa Semiárido avalia novas variedades de palma

A palma forrageira é uma cactácea que atinge até cerca de 90% do seu peso em água, mantendo-se nutritiva ao longo do período seco. Possui características que a tornam importante na pecuária, tanto pela capacidade de adaptação, rusticidade e longevidade no semiárido, como pela boa aceitabilidade pelo gado.

O uso da palma pelos produtores apresentava alguns desafios, com destaque para a baixa oferta e o alto custo de raquetes (sementes), desconhecimento dos produtores sobre essa forrageira e ausência de informações técnicas e econômicas de cultivo.

A Embrapa, com intuito de prestar melhores serviços à comunidade nordestina, promoveu estudos sobre a fertilidade dos solos, adubação, parâmetros físicos do solo e a adaptação da palma às condições edafoclimáticas, principalmente sobre o déficit hídrico.

Após quatro anos de avaliações em campos experimentais da Embrapa Semiárido, e obtendo bons resultados, a equipe técnica fará os estudos de duas novas variedades de palma em propriedades de agricultores. A equipe irá acompanhar o desempenho produtivo dessas variedades nas condições dos sistemas de criação pecuária que funcionam na região seca do Nordeste. A palma é uma forrageira muito resistente à escassez de água. A intenção é ampliar as alternativas de cultivo dessa espécie, com novas qualidades produtivas e contribuir para estabilizar a oferta de alimentos aos rebanhos.

Em todo o semiárido nordestino há cerca de 600 mil hectares plantados com praticamente apenas uma variedade de palma, a Gigante, o que, segundo especialistas, não é uma boa situação produtiva. Essa forrageira tem uma grande diversidade de variedades. No México, onde a palma é nativa, são mais de 100 já identificadas. No estado do Texas, nos Estados



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Unidos, há uma quantidade similar. Algumas dessas variedades estão armazenadas no Banco de Germoplasma de Palma da Embrapa Semiárido, inclusive as duas que a equipe técnica está adaptando o cultivo para a pecuária regional.

2.3 - Milho Caatingueiro da Embrapa melhora a produção no Semiárido

A Embrapa, por meio de suas unidades regionais, desenvolveu o milho Caatingueiro, totalmente adaptado às condições do semiárido nordestino. A cultivar apresenta grãos semiduros amarelos e sua principal vantagem é o ciclo superprecoce, que permite boas colheitas, mesmo em períodos de pouca chuva. Como o florescimento do Caatingueiro ocorre entre 41 e 50 dias, diminui o risco de estresse hídrico no momento em que o milho é mais sensível à falta de água. Após o plantio, a cultivar precisa de apenas 90 dias para atingir a época da colheita. Mas se a distribuição das chuvas for regular, a safra já está garantida com 65 a 70 dias de plantio. Na região mais seca do Semiárido, a produtividade dessa nova cultivar varia em torno de 2 a 3 toneladas de grãos por hectare.

Em condições mais regulares de precipitação, a produtividade pode chegar a 6 toneladas de grãos por hectare. Por isso, a cultivar é ideal para os pequenos produtores, que geralmente dispõem de poucos recursos, encontram dificuldades para ter acesso ao crédito e não têm orientação técnica.